

A ÁGUA NÃO É UMA LADRA: UMA REFLEXÃO PEDAGÓGICA

NOEMI BOER*

Com este texto, buscamos elucidar alguns aspectos referentes à temática água no contexto educacional. Trata-se de um ensaio no qual utilizamos como fio condutor a idéia de que a 'água não é uma ladra', porque devolve tudo o que tenha armazenado. A contextualização do tema é bastante ampla, porém pertinente ao escopo do trabalho. A dimensão pedagógica foi desenvolvida por meio de relação analógica entre especificidades da água e aspectos educacionais fundamentados no pensamento montessoriano, na teoria humanista e em conhecimentos gerais da psicologia da educação. A partir da reflexão pessoal, algumas idéias sobre a dimensão humana e a sacralidade da água são apresentadas como decorrência do tema em estudo. O caráter reflexivo e provisório do texto permite questionamentos a respeito do descuido que a humanidade teve com a água, bem precioso à vida e à sobrevivência do planeta.

* Bióloga, Pedagoga, Mestre em Educação, Doutoranda do PPGECT/ UFSC, docente do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

INTRODUÇÃO

*Do oceano vêm as nuvens. Das nuvens vem a chuva.
Da chuva nascem os rios e dos rios nasce o oceano.
Esse é o ciclo das águas, esse é o ciclo do mundo.*

(Pensamento hindu, há 3000 anos)

A sugestiva expressão de Montessori (1870-1952) de que a 'água não é uma ladra'¹, e a qual tomo emprestada para título desta reflexão, parece estar fundamentada tanto nos aspectos essenciais deste recurso mineral para a vida e que hoje encontra-se ameaçado, quanto na dinamicidade do seu ciclo e na estrutura constituinte de suas propriedades físico-químicas. Na molécula da água, como sabemos, existe a relação de dois átomos de hidrogênio para um átomo de oxigênio, determinando assim a sua fórmula molecular, conhecida como H₂O. Especialistas afirmam que, apesar de ter uma fórmula química básica bastante simples, até hoje não foi possível produzir água artificialmente porque, em síntese, a água é uma combinação de muitas substâncias que lhe atribui características próprias, como a de se manter em estado líquido apenas numa faixa estreita de temperatura e pressão, como ocorre em nosso planeta.

No cosmo, a água pode ser encontrada em diferentes estados físicos, mas a forma líquida só ocorre em grande quantidade na Terra. As grandes massas de água que compõem a hidrosfera, especialmente a água líquida dos oceanos, conferem-lhe a cor azul. Este aspecto ficou evidente aos humanos quando, pela primeira vez, a Terra foi vista do espaço, no início da década de 60. A expressão do astronauta russo Yuri Gagarin, 'a Terra é azul', tornou-se célebre e a designação 'Planeta água' foi uma consequência. Desde então, quatro décadas se passaram, o novo milênio chegou, muito se disse e se escreveu a respeito da água, elemento essencial à vida em suas diferentes formas de manifestação e essencial à manutenção das condições ambientais para a sobrevivência.

Dada a importância e a abrangência do tema, a água pode ser estudada a partir de diferentes abordagens que podem focar a explicação científica da estrutura físico-química de sua molécula, os aspectos educacionais e culturais ligados à água e, até mesmo, à legislação que regulamenta o uso dos recursos hídricos. Neste texto, apresento uma contextualização bastante

¹ Expressão usada por Maria Montessori (1870 – 1952), em seu livro *Para educar o potencial humano*, editado pela Papirus, em 2003.

ampla da temática água: destaco a dimensão pedagógica que o tema propicia desenvolver, utilizando-me da relação analógica entre aspectos físicos da água e aspectos educacionais fundamentados no pensamento montessoriano, na teoria humanista e em conhecimentos gerais da psicologia da educação. Na última parte do texto, abordo algumas idéias sobre a dimensão humana e a sacralidade da água. Para concluir, apresento alguns questionamentos a respeito do descuido que a humanidade teve com a água e reitero a importância da educação na construção de um mundo melhor.

CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA ÁGUA

A história registra que, desde tempos imemoráveis, a água foi usada pelas civilizações humanas como um recurso natural inesgotável. Hoje, a preocupação central está focada na idéia de que a água doce, usada como recurso inesgotável até alguns anos atrás, está se tornando cada vez mais escassa em função da multiplicidade de seus usos. A crescente utilização por setores produtivos, especialmente a agricultura que se apropria de cerca de 80%² de toda a água doce disponível no planeta, o crescimento populacional e o acelerado aumento da poluição dos rios e lagos são apontados como as principais causas da questão. O problema da água é, no entanto, apenas um do conjunto de problemas ambientais que afetam o planeta como um todo. Por outro lado, não se pode negar que se trata de uma questão de prioridade, pois é a água fonte de vida e, por isso, faz-nos pensar a respeito do futuro da nossa gente, do nosso país e do mundo. A água é uma questão de prioridade porque sempre esteve na base da produção de alimentos, servindo para a higiene, para a saúde e para o lazer do homem. É uma questão de prioridade, porque a água é fundamental para a vida dos ecossistemas terrestres e aquáticos, para a navegação, para a geração de energia, para a produção e desenvolvimento industrial e econômico dos povos. Nessa perspectiva, a água deve ser, então, uma questão de extrema relevância nas políticas públicas nacionais e internacionais.

Magalhães (2004) argumenta que a gradativa sofisticação do mundo nos últimos séculos modificou a relação do homem com a água, o que levou a um aumento vertiginoso de seu consumo. Há apenas dois séculos, diz o autor, a maioria dos lugares habitados era capaz de satisfazer toda a necessidade de água da sociedade local e de absorver a poluição lançada no meio ambiente sem deixar danos muitos significativos. Atualmente, poucos

² Esse dado varia conforme a fonte pesquisada. Texto da Campanha da Fraternidade 2004 (CNBB).

lugares habitados ainda têm uma relação despreocupada com a água já que em muitos locais os recursos hídricos são usados com racionalidade e preocupação.

Rebouças (2004) ressalta a necessidade de se ter um uso cada vez mais inteligente da gota d' água disponível. Segundo ele, embora os dados geológicos indiquem que a quantidade total de água na Terra permaneceu praticamente constante nos últimos milhões de anos, os volumes estocados nos reservatórios – oceanos, calotas polares, geleiras, águas subterrâneas – podem ter variado em níveis nunca imaginados. Quanto ao ciclo de renovação das águas na Terra, esses são permanentes e não podem ser omitidos nos processos de gerenciamento inteligente dos recursos naturais e das águas. Enfim, é preciso considerar que, sem água, não haveria vida na terra, da mesma forma que, sem vida, a água não ocorreria na forma líquida em tão grande abundância. É preciso considerar também que mais da metade da composição orgânica dos seres vivos é água. No corpo humano, esses percentuais variam com a idade e com o tipo de órgão.

Já referimos que, historicamente, a água foi tida como recurso natural inesgotável, mas foi a partir do século XX que cresceu, em todo mundo, a consideração de que a água em condições de uso torna-se cada vez mais escassa. A preocupação com o uso inadequado da água potável, o acesso cada vez mais restrito, especialmente pelas comunidades mais pobres, e a conseqüente necessidade de se propor ações que tornem seu uso mais eficiente pautaram, nas últimas décadas, interesses e discussões de organizações governamentais e não governamentais, instituições educacionais, religiosas e da sociedade em geral. Isso ocorreu de forma bastante incisiva em todos os continentes e em nosso país também.

Sem a intenção de apresentar uma retrospectiva histórica dos eventos que marcaram a inclusão da temática água nas políticas internacionais, cita-se a 1ª Conferência das Nações Unidas (ONU) sobre Ambiente Humano, realizada em 1972, em Estocolmo, na Suécia. Essa conferência levou os países industrializados e os em desenvolvimento a traçarem juntos um plano de ação mundial para a melhoria do ambiente humano incluindo a família e o meio ambiente saudável e produtivo. A partir desse evento, o cuidado com a água e demais recursos naturais ficou enunciado na Declaração da ONU sobre o Meio Ambiente no seguinte termo: “Os recursos naturais da Terra, incluindo o ar, a água, o solo, a flora e a fauna e, especialmente, parcelas representativas dos ecossistemas naturais, devem ser preservados em benefício das gerações atuais e futuras, mediante um cuidadoso planejamento ou administração adequados” (apud DIAS, 1992, p. 271).

Magalhães (2004) e Rebouças (2004) referem-se, além da conferência de Estocolmo, à Conferência Mundial sobre Água Potável, realizada pela ONU, em Mar del Plata, em 1977. A conferência determinou o Decênio da Água Potável, 1980–1990, discutiu a escassez, a deterioração e o uso ineficiente dos recursos hídricos, princípios que foram considerados no capítulo 18, da Agenda 21, que trata dos recursos hídricos. Em termos de política internacional, Magalhães (2004) identifica que avanço relevante foi obtido na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. O principal documento dessa Conferência, a Agenda 21, representa um compromisso internacional para a preservação do meio ambiente em que é defendido o princípio de que os poluidores devem assumir os custos da degradação que causam. Finalmente, os autores citados referem-se ao 2º Fórum Mundial da Água, realizado em Haia (Holanda), em 2000. Esse fórum elaborou a declaração sobre a Segurança da Água no Século 21, alertando sobre a poluição das principais reservas hídricas do Planeta. Enfim, percebe-se que há consenso internacional sobre as providências urgentes que devem ser tomadas a respeito dos recursos hídricos do Planeta.

Na esfera nacional, a normatização a respeito dos usos da água ainda está muito pautada no Código de Águas, de 1934. Porém, cabe lembrar que a Constituição Federal de 1988 introduziu uma alteração fundamental naquele Código ao extinguir o domínio privado da água no país; a partir da Constituição vigente, todos os corpos d' água³ do Brasil passaram a ser de domínio público, sendo este domínio exercido em dois níveis: o domínio da União e o domínio dos Estados federados.

Em 8 de janeiro de 1997, foi sancionada a Lei nº 9.433, que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal e é destinada a organizar o setor de planejamento e gestão de recursos hídricos superficiais no país. A Política Nacional de Recursos Hídricos baseia-se em importantes fundamentos: a água é um bem de domínio público; a água é um recurso natural limitado, dotado de valor econômico; em situações de escassez, o uso prioritário dos recursos hídricos é o consumo humano e a dessedentação de animais; a gestão dos recursos hídricos deve sempre proporcionar o uso múltiplo das águas; a bacia hidrográfica é definida como a unidade territorial para o gerenciamento dos recursos hídricos que deve ser descentralizada e contar com a participação

p

³ Conforme a Instrução Normativa nº 04, de 21 de junho de 2000, do MMA, corpo d' água ou hídrico são os cursos d' água, reservatórios artificial ou natural, lago, lagoa ou aquífero subterrâneo.

tanto do Poder Público quanto dos usuários e das comunidades (BRASIL, 1998). Possivelmente os aspectos mais importantes relacionados aos recursos hídricos do planeta não estejam ligados à legislação existente na área e, sim, a uma postura ética que cada cidadão deve ter quanto ao uso adequado da água e ao cuidado com o meio ambiente. Isso depende da percepção de mundo que se tem e da sensibilização para as questões ambientais. Nesse processo, a educação humana é fundamental.

RETOMANDO A IDÉIA INICIAL

Ao afirmarmos que ‘a água não é uma ladra,’ uma vez que ela devolve ao ambiente e aos seres que nele habitam o que quer que tenha armazenado, observa-se que a capacidade de devolver é uma característica própria desse elemento, ou seja, a sua natureza não quer e não precisa daquilo que não lhe pertence como estrutura constituinte de suas propriedades físico-químicas. Ora, se a água devolve tudo o que tenha armazenado significa que ela, inicialmente, por mecanismos próprios, dissolve materiais, retira partículas e as carrega para depois, mais tarde, depositá-las em outro lugar, cumprindo um honesto ato de servir a natureza. Um bom exemplo disso pode ser o processo de fossilização que sofreram répteis e plantas do Triássico, encontrados na região central do nosso Estado, mais especificamente na cidade da Mata. Nesse processo, a água de percolação, presente no solo, foi se infiltrando nos poros e cavidades de ossos de répteis soterrados e aí depositando minerais que se cristalizaram dentro dos ossos. Já nas plantas, a fossilização se deu, via de regra, por um processo chamado substituição, no qual os elementos minerais carregados pela água de percolação substituíram os tecidos da planta, molécula a molécula. Por isso, a estrutura da planta ficou preservada em grande detalhe transformando-se em ‘pedra’⁴.

Montessori (2003, p. 46), ao argumentar que a “água não é uma ladra” exatamente porque ela devolve tudo o que tenha armazenado, refere-se aos continentes dizendo que estes dissolvem-se no mar e os mares rendem frutos para as terras em crescimento. Diante dos nossos olhos, diz a autora, tudo está sendo consumido para ser reconstruído em uma nova forma. Questiona, então: “Quem é o agente de mudança do mundo? Quem enfeitou as pedras originais, fundindo-as com depósitos que tomam a forma de fantásticas estalagmites e estalactites nas cavernas?”⁵

⁴ Informações retiradas de folheto informativo do Museu Municipal Guido Borgomanero. Mata, RS. s/d.

⁵ Ibidem.

Ela própria responde, dizendo que a água trabalhou duro para o surgimento de todas essas belezas e tesouros. A água, derretendo substâncias rochosas e conduzindo-as dissolvidas para o subsolo, pode trazê-las, eventualmente, à superfície da terra para que apareçam e a enriqueçam. Isto se explica pelo fato de que a água, ao passar de um local de alta pressão para um de baixa pressão, começa a preencher os vazios destilando gota a gota. Na formação, por exemplo, das estalactites e estalagmites, os minerais que a água carrega vão se depositando e, gradualmente, surge no teto da caverna uma massa pendente (estalactite) que ‘cresce’ em direção a uma outra pilastra (estalagmite), que se forma no chão, pelos respingos caídos do teto. As cores e as formas que as estalactites e estalagmites podem adquirir são de uma beleza impressionante. No entanto, essa grande beleza se deve ao trabalho silencioso da água que é a grande construtora, uma grande arquiteta que cria e transforma numa lei própria de sua existência.⁶

Maria Montessori (1870-1952) não foi geóloga e sim médica psiquiátrica e educadora. De nacionalidade italiana, tornou-se cidadã do mundo e ficou conhecida por sua vasta obra como pedagoga. Propôs um método educacional baseado no conhecimento científico sobre o modo de aprender do educando. Particularmente, muitas são as razões para admirar a obra de Montessori. A principal diz respeito à percepção apurada que entende o ser humano na sua totalidade e promove uma educação para a paz, o que a torna ainda mais contemporânea. A maneira como ela se valeu dos conhecimentos sobre os recursos naturais como a água, a terra, os animais marinhos e o próprio cosmo para educar o potencial humano de crianças é admirável e atual. Seus textos são permeados por momentos de lirismo, como o fez na descrição do ciclo da água: “Ela se precipita de amor pelo oceano, produzindo dádivas, purificando a si mesma, flutuando para o céu em sua forma mais leve, para retornar como chuva e recomeçar seu trabalho”⁷.

O pensamento e a pedagogia montessoriana nos dão abertura para estabelecer novos contatos entre dois bens valiosos e preciosos à vida humana e ao planeta: a **água** e a **educação**. Procuraremos desenvolvê-los, valendo-nos do raciocínio analógico, no item a seguir. O desenvolvimento do tema requer, no entanto, uma abordagem de aspectos mais amplos da

⁶ Se considerarmos a recente tragédia provocada pelas tsunamis, na Ásia, precisamos concordar que o trabalho da água nem sempre é tão silencioso e construtor. Porém, segue sempre uma lei própria. No curso de um rio, por exemplo, as águas que não encontram margem, extravazam, invadem lavouras, vilas, casas, desalojam famílias, pessoas, animais e carregam tudo o que a sua força permitir.

⁷ Op. cit., p. 46.

educação, como as relações interpessoais estabelecidas entre professor-aluno ou entre pais e filhos, e a aprendizagem em si. Dadas as características do texto, enumeramos os parágrafos que introduzem uma idéia inicial.

A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA ÁGUA

1. Na perspectiva pedagógica, Montessori nos motiva a desafios muito atuais relacionados à educação geral do ser humano e, de forma muito particular, à educação da criança em idade escolar. Chamou ela de Educação Cósmica a educação que a criança deveria receber a partir dos seis anos. Uma educação voltada para o pleno desenvolvimento de suas capacidades para o amor e o respeito pelo mundo. Uma educação integral que permita desenvolver a consciência do trabalho de cada agente da natureza, como o trabalho silencioso da água, explicitado neste texto. Uma educação que favoreça a percepção da interdependência de todos os elementos naturais para que a criança, o homem do futuro, veja desabrochar em si os sentimentos de cooperação, de respeito e de amor em relação à natureza e ao cosmo, conforme Montessori (2003).

Pode-se dizer que a educação montessoriana é uma educação voltada à vida por isso tem características profundamente humanas. No centro do sistema educacional está a criança como um ser original e único, com possibilidades de encontrar uma existência de sabedoria e amor.

Os princípios da Educação Cósmica de que fala Montessori podem ser identificados nos fundamentos da Educação Ambiental. Essa tem por objetivo “o desenvolvimento da compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos” (BRASIL, 1999). Um dos princípios da Educação Ambiental diz respeito a um processo contínuo e permanente, começando pelo pré-escolar e continuando através de todas as fases do ensino formal e não-formal. O fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social, bem como o incentivo à participação individual e coletiva como valor de cidadania incorporam o rol de objetivos estabelecidos para a educação ambiental brasileira. E, a partir da década de 90, a educação ambiental amplia-se para incluir também a questão da sustentabilidade que tem por princípio fundamental “respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos.”⁸

⁸ Organização das Nações Unidas, 1991. In.: PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Tema Transversal Meio Ambiente, p. 239.

Como orientação didática, a educação ambiental deve ser trabalhada na transversalidade dos conteúdos de forma contínua, sistemática, abrangente e integrada para alcançar sua finalidade, ou seja, viabilizar a possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos sistematizados e as questões de vida real e de suas transformações. Como abordagem epistemológica, fundamenta-se na interdisciplinaridade que se refere aos objetos do conhecimento e questiona a segmentação entre os diferentes campos do conhecimento como a visão compartimentada das disciplinas. Considerando-se os propósitos da Educação Cósmica e os princípios da Educação Ambiental mundial, preconizados por Tbilisi (1977) e atualizados por documentos oficiais⁹ mais recentes, de orientação à educação nacional, observa-se que ambas apresentam pontos convergentes. Pode-se dizer, então, que a Educação Ambiental também ‘bebe água’ na fonte montessoriana.

2. Tomando a água a partir da sua fórmula química H_2O , aparentemente bastante simples, pode-se fazer uma analogia com a relação professor-aluno no sentido de que esta também deve estar pautada na simplicidade. Não no sentido de superficialidade, mas no sentido de ser natural, espontânea e livre de máscaras e preconceitos. Uma relação aberta, fluida como a água cristalina que brota da rocha. Enfim, uma relação fundamentada em princípios humanistas que é também a base da prática montessoriana.

Sobre a transparência e fluidez necessárias para uma boa relação pedagógica, Rogers (1987) refere-se ao respeito mútuo entre professor e aluno para que se estabeleça uma intercomunicação satisfatória a ambos. Para ele, o professor deve ser autêntico, congruente e capaz de realizar compreensão empática, ou seja, deve ler a conduta do aluno a partir do referencial deste. Rogers (1977) argumenta que o fim da educação é a facilitação da aprendizagem. E, para que o professor torne-se um facilitador da aprendizagem, deve ter qualidades que emanam do relacionamento pessoal com seu aluno quais sejam: a autenticidade, o apreço, aceitação, confiança e a compreensão empática.

As características da teoria humanista de Rogers, usadas como analogia às características de simplicidade da fórmula química da água e de sua transparência, também podem ser encontradas na pedagogia montessoriana. Maran (1977) refere-se à educação montessoriana como uma educação que leva em conta a essência da pessoa humana e, por isso, faz um grande bem ao homem, pois dá à criança condições de escolher, com sabedoria, o que é melhor para si e para a comunidade, numa dimensão

⁹ Parâmetros Curriculares Nacionais - PNCs; Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, regulamentada pelo decreto 4.281, de 25 de junho de 2002.

de liberdade com responsabilidade. Sobre a postura do professor, diz: “o educador educa através de atitudes, do que ele é, não do que fala, dos conhecimentos que transmite (p. 16)”. Já a criança se apóia no educador que transmite uma vivência. A firma, então, que “[...] a criança sabe quando o educador vivencia o que prega, quando aquilo que ele comunica é fruto de sua vida interior”¹⁰.

3. Considerando-se o trabalho silencioso e permanente da água que se infiltra na rocha e vai depositando, gota a gota, minerais no teto de subterrâneos para esculpir lindas estalactites que “crescem” em direção às estalagmites que se formam pelos pingos que caem no chão, o trabalho em educação também é lento, artesanal, escultural e pode demorar muitos anos para aparecer. A aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades e competências do aluno também ocorrem gradativamente, ‘gota a gota’. A cada nova informação que ele recebe, novos esquemas mentais são formados ou são modificados os já existentes. Nesse processo, o educador deve dispor de paciência histórica porque, tanto a educação quanto os eventos da natureza¹¹ acontecem a seu tempo e a seu ritmo. Na educação, o tempo de espera e a maturação não se referem apenas à formação da criança mas, sobretudo, à figura do professor para que ele também possa se construir e se constituir como pessoa no ato educativo. Na natureza, pelo que se sabe, não ocorrem saltos, por isso não se pode apressar o rio, ele corre sozinho¹².

Se o rio corre sozinho e traça o seu caminho ao avançar, definindo margens e curvas, assim também é a estrada da vida do professor, do aluno e de todo ser humano. O caminhante se faz e faz o caminho, numa interação constante com o meio social e ambiental. De acordo com o meio e com a interação que estabelece com este, o ser humano desenvolve suas características pessoais. Vai, na caminhada, definindo a si próprio, dando forma e sentido a um projeto original da natureza. Transpondo essa idéia para a área pedagógica, reconhece-se a educação como um processo permanente que ocorre ao longo da vida. Desse modo, crianças, jovens estudantes e professores devem ser orientados a aprender sempre. E, a exemplo do rio que é autônomo para traçar o seu caminho, a educação deve estar voltada para a autonomia dos sujeitos se quisermos formar pessoas com capacidades de escolhas livres e maduras. Nesse trabalho, os educadores desempenham um importante papel. Inicialmente como

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Aqui, ‘eventos da natureza’ não pretende ser uma dicotomia homem-natureza. A redação da frase pode dar essa idéia se considerarmos que a educação só acontece com os seres humanos.

¹² Refiro-me à obra de Barry Stevens, *Não apresse o rio (ele corre sozinho)*, editado pela Summus Editorial.

coadjuvantes e, depois, aos poucos, abrindo espaço para o aluno decidir por si próprio.

4. A exemplo da água do mar que bate na rocha e esculpe todas as formas possíveis de se imaginar, o trabalho de pais e professores esculpe, em seus educandos, as formas humanas e também não humanas. As formas menos humanas são aquelas que depois se manifestam nos desvios de personalidade e de conduta que induzem ao erro e à violência. Ou seja, o resultado da educação pode ser sempre ambivalente, forma-se tanto para o bem como para o mal. Mas, toda aprendizagem se corporifica nos diferentes comportamentos, gestos e hábitos. Dessa forma, se a água tem suas manhas e caprichos para criar formas distintas e de distintas cores, o que dizer do educador, especialmente daquele que se dedica à educação de crianças? Nesse ofício, ele também pode ter seus caprichos. Muitos, profundamente saudáveis e necessários. Outros, nem sempre tão éticos e construtivos. Em se tratando de criança, contudo, além do ambiente familiar e escolar, dos colegas que a cercam, ela está profundamente contextualizada na relação com o seu professor. Assim, seria inútil estudar uma criança sem examinar o adulto que faz maior referência afetiva. Essa é uma dimensão que perpassa o sagrado e o humano de cada um.

A DIMENSÃO HUMANA E A SACRALIDADE DA ÁGUA

Assim como a água não é uma ladra porque devolve tudo o que tenha armazenado, o ser humano não deve se apropriar daquilo que não lhe pertença, como bens de ordem material, emocional e mesmo de inteligência racional. Apropriando-se do que não lhe é próprio, assimila o estranho, leva para casa o adversário à sua natureza e fere a honestidade intrínseca das coisas e das emoções. Ser honesto consigo mesmo, com os outros, com as pequenas coisas é uma questão ética e este deverá ser o caminho que conduz a uma ética planetária. A questão da água deve ser colocada nessa perspectiva de ética universal porque diz respeito a todas as espécies, a todos os seres, a todos os povos e culturas.

Na dimensão humana, a água não se restringe à constituição biológica das células e dos tecidos, ela está presente no coração e na vida dos homens. Como elemento germinativo está no princípio da vida, na fecundação. Como meio, possibilita o desenvolvimento fetal. Como origem, remetemos ao líquido amniótico. Possivelmente, por essas razões, a água também está presente na terapêutica e na sacralidade do ser humano.

Como poder terapêutico, é capaz de aliviar as dores mais profundas da alma e do estresse da vida moderna, devolvendo bem-estar ao corpo e

ordenando a mente. A água como elemento homeostático não serve apenas para fazer a higiene física do homem, ela também faz a higiene da alma, a higiene mental. A água que limpa e alimenta o corpo, purifica também o espírito. E, na medida em que higieniza e alimenta o homem, torna-se, constitui-se como corpo aquático dotado de espírito que envolve e faz dialética com o ambiente e com o humano. Remetendo essa idéia ao fazer pedagógico, o professor, enquanto pessoa e profissional, precisa manter uma constante higiene mental. Primeiro, por uma necessidade própria de manter-se íntegro em sua funcionalidade psico-biológica. Segundo, para poder auxiliar o outro, dimensionando o que é seu e aquilo que é do aluno.

Como sacralidade, a água perpassou a história, a cultura e o inconsciente coletivo dos diferentes povos: na mitologia grega, Poseidon, irmão de Zeus, é o rei das águas que provocava movimentações como maremotos, tremores de terra e fazia brotar água do solo. No candomblé, Iemanjá é a rainha das águas, a rainha dos mares. Já, no catolicismo, é Nossa Senhora dos Navegantes. Da cultura afro, vem as oferendas ao mar, às cachoeiras, os banhos-de-cheiro e todo o sincretismo religioso que hoje faz parte da cultura brasileira. Dos indígenas, as lendas da mãe d'água, da Iara e a sacralidade da água como aos demais elementos da natureza. Na tradição cristã, a água está presente nos ritos do benzer e do benzer-se, bem como no sacramento do Batismo que simboliza o renascer do Espírito¹³.

Na pedagogia, a sacralidade da água refere-se à dimensão metafísica do ser humano. Seria importante resgatar essa dimensão na cultura pedagógica brasileira, porque o conhecimento humano não se limita ao mundo físico, ele avança à esfera metafísica para construir uma visão de homem e de mundo mais completa. Considera-se, então, que o ser humano, sendo corpo e espírito, o seu intelecto não corresponde apenas à capacidade racional, mas também ao espírito que pertence ao cosmo, é uma parte dele. Essa percepção ainda é um desafio para a grande maioria dos educadores. No entanto, seria ético e funcional se os educadores desenvolvessem a consciência de que, assim como a água não é uma ladra, a educação não pode ser ladra do espírito.

¹³ Conhecimentos de domínio público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado sobre a importância da água para a vida e a sobrevivência da própria espécie humana e do planeta, pode-se questionar por que razões, ao longo da história da humanidade, o ser humano foi tão pouco consciente, tão descuidado e muito pautado numa cultura de desperdício? E será que, por generosidade da natureza, a água se encarregará de se autoprover, regenerando também os recursos naturais degradados pela imprudência das ações humanas? Essas perguntas devem ser feitas. As respostas, possivelmente, deverão ser múltiplas, provisórias e relativas.

Assim como a água foi considerada durante muito tempo um recurso natural inesgotável, as possibilidades de criatividade da arte, de racionalidade científica e tecnológica do ser humano também foram consideradas ilimitadas. Contudo, o homem já evidenciou que o resultado de suas ações e de suas criações podem abreviar a sua vida e a vida da Terra.

As pessoas que se preocupam em construir um mundo melhor, mais sadio, deveriam começar por si próprias, desautomatizando as sinapses que induzem a repetir os velhos hábitos de pouco respeito à água da vida e à vida da água. É preciso, também, descobrir e acreditar que no interior do ser humano existe um ponto capaz de intuir soluções éticas e viáveis para os problemas humanos, sociais e ambientais. Esta é a melhor contribuição que a educação pode prestar aos homens e ao planeta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Congresso Federal. *Lei nº 9.433 de 08 de janeiro de 1997*. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos e regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal.

_____. Secretaria de Recursos Hídricos. *Política Nacional de Recursos Hídricos*. Brasília: MMA/SRH, 1998.

_____. CNUMAD. *Agenda 21*. 3. ed. Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal, 2001. 598p.

_____. Congresso Federal. *Lei nº 9.795 – de 27 de abril de 1999*. Dispõe sobre a Educação Ambiental. Institui a política nacional de educação ambiental e dá outras providências.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos. Temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DECLARAÇÃO SOBRE O MEIO AMBIENTE (ONU). In.: DIAS, G. F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 1992. Anexo 2, p. 271-274.

MAGALHÃES, P. C. de. O custo da água gratuita. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, v. 35, n. 211, p. 45-49, dez. 2004.

MARAN, Júlio. *Montessori: uma educação para a vida*. São Paulo: Loyola, 1977.

MIRANDA, E. E. de. *A água na natureza e na vida dos homens*. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

MONTESSORI, M. *Para educar o potencial humano*. Trad. de Miriam Santini. Campinas: Papirus, 2003.

REBOUÇAS, A. *O uso inteligente da água*. São Paulo: Escrituras, 2004.

ROGERS, C. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____; ROSENBERG, R. *A pessoa como centro*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.